

Doenças negligenciadas em meio à pandemia de COVID-19

Introdução:

Com o surgimento e agravamento da pandemia causada pelo novo coronavírus, o Brasil viu seus hospitais vivenciarem superlotação e o sistema de saúde pública passou a travar mais um desafio que é dar conta da alta demanda de pacientes infectados. Além da falta de estrutura em hospitais, de recursos humanos e financeiros, essa pandemia acabou por expor ainda mais a deficiência brasileira em oferecer amparo para a sua população. Contudo, o que se viu e ainda se vê, é a força de profissionais comprometidos em doar o seu melhor apesar dos percalços. Contudo o tema hoje não é apenas sobre estes aspectos da realidade dos serviços de saúde, mas a interface entre as doenças negligenciadas em meio a uma pandemia.



Fonte: Pixabay

Paralelamente, o Brasil já vinha traçando estratégias para conter as chamadas doenças negligenciadas, que nada mais são que doenças que contribuem e, ao mesmo tempo, são, em grande parte, resultantes da grande desigualdade social presente em países em desenvolvimento, no caso, o Brasil. Essa denominação é decorrência do não empenho dos governos e da sociedade civil em sanar os problemas causados por essas doenças, uma vez que elas atingem a população mais vulneráveis ou regiões economicamente menos favorecidas. São elas: tuberculose, dengue, hanseníase, doença de chagas, leishmaniose, esquistossomose e malária.

Olhando sob o ponto de vista global a Organização Mundial de Saúde – OMS – estima que mais de 1 bilhão de pessoas estão infectadas com essas doenças. E agora, com a pandemia, o Brasil passa a ter de lidar com ambos os problemas, tendo à sua frente um horizonte econômico pouco favorável que deverá impor muitas restrições financeiras para o enfrentamento desses problemas de saúde pública. Mas antes de traçar esse futuro sombrio, é preciso enfatizar que desde 2003, o Brasil passou a lançar editais de programas que financiam projetos voltados à essas doenças. Esse programa de fomento investe milhões de reais em Universidades e Institutos a fim de estimular a pesquisa, além de desenvolver a seara científica daquela região, pois nada melhor que o estado que trava luta contra a doença passar a estudar e desenvolver estratégias para diminuir esses quadros de infecções.

Dengue:¹

Trata-se de uma doença infecciosa causada por um vírus transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti*.

Transmissão: através do vetor, que é o mosquito *Aedes aegypti*.

Sintomas: Febre alta, dor de cabeça, vermelhidão no corpo, prostração, dores musculares, nas juntas e nos olhos.

Tratamento: Não existe tratamento específico contra o vírus da dengue. Tomar muito líquido para evitar desidratação e utilizar medicamentos para baixar a febre e **analgésicos são as medidas de rotina para aliviar os sintomas.**

Prevenção: A prevenção da dengue se dá pelo combate ao mosquito vetor, ou seja, impedir que em casa haja condições necessárias para seu desenvolvimento: não manter a água parada, colocar terra nos vasos, certificar que no quintal não há materiais que estejam acondicionando água da chuva etc.

Casos no Brasil: Segundo último boletim publicado pelo Ministério da Saúde, em 2020, o Brasil se aproximava de 780 mil casos de Dengue.



Fonte: Pixabay

Hanseníase:²

Conhecida antigamente como Lepra, é uma doença crônica e transmissível, causada por um bacilo, *Mycobacterium leprae*, que tem a capacidade de infectar grande número de indivíduos, e atinge principalmente a pele e os nervos periféricos com capacidade de ocasionar lesões neurais, conferindo à doença um alto poder incapacitante, acrescida do estigma e discriminação às pessoas acometidas pela doença.

Transmissão: A transmissão ocorre quando uma pessoa com hanseníase, na forma infectante da doença, sem tratamento, elimina o bacilo para o meio exterior, infectando outras pessoas suscetíveis. A via de eliminação do bacilo pelo doente são as vias aéreas superiores (mucosa nasal e orofaringe), por meio de contato próximo e prolongado.

Sintomas: lesões e manchas na pele com alteração da sensibilidade térmica e doloridas; áreas do corpo com sensação de formigamento; diminuição da força muscular na face, mãos e pés; caroços no corpo etc.

Tratamento: O tratamento da doença é realizado com a Poliquimioterapia (PQT), uma associação de antibimicrobianos, recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Essa associação diminui a resistência medicamentosa do bacilo, que ocorre com frequência quando se utiliza apenas um medicamento, o que acaba impossibilitando a cura da doença.

Prevenção: o diagnóstico precoce, mapeamento e acompanhamento das pessoas que estiveram expostas com portadores do bacilo é a melhor forma de tratamento.

Casos no Brasil: Segundo dados de 2018, o Brasil fica atrás apenas da Índia como país com maior número de casos de hanseníase.

Doença de Chagas:³

É uma a infecção causada pelo protozoário *Trypanosoma cruzi*, que pode se manifestar nas formas indeterminada, cardíaca, digestiva ou cardiodigestiva.

Transmissão: A transmissão pode se dar de diferentes maneiras, contudo, todas elas envolvem o contato do indivíduo com as fezes do barbeiro – assim é conhecido o triatomíneo vetor.

Sintomas: febre prolongada (mais de 7 dias), dor de cabeça, fraqueza intensa, inchaço no rosto e pernas.

Tratamento: o tratamento deve ser acompanhado por um médico responsável, e o medicamento, benznidazol, é distribuído gratuitamente pelo Ministério da Saúde.

Prevenção: A prevenção está intimamente ligada com a forma de transmissão, ou seja, prevenir que o inseto transmissor forme colônias nas casas, principalmente se elas forem de taipa ou barro. Não se deve matar, esmagar ou danificar o inseto, pois com isso corre-se o risco do inseto excretar as fezes, que é onde se encontra o protozoário.

Casos no Brasil: Em 2020, o Brasil já registrou mais de 1,5 milhão de pessoas acometidas com a Doença de Chagas.

Malária:⁴

A malária é uma doença infecciosa febril aguda, causada por protozoários transmitidos pela fêmea infectada do mosquito *Anopheles*.

Transmissão: A malária é transmitida por meio da picada da fêmea do mosquito *Anopheles*, infectada por *Plasmodium*, um tipo de protozoário. No Brasil as espécies mais comuns são o *P. falciparum* e o *P. vivax*.

Sintomas: Febre alta, calafrios, tremores, sudorese, dor de cabeça, que podem ocorrer de forma cíclica.

Tratamento: o tratamento para malária se dá em regime ambulatorial, onde os medicamentos necessários são administrados e disponibilizados gratuitamente pelo Ministério da Saúde.

Prevenção: como a transmissão se dá pela picada de um mosquito, a prevenção está ligada ao fato de se proteger dessa picada, ou seja, uso de repelente, cobrir braços e pernas, uso de mosquiteiros, colocar telas nas portas e janelas etc.

Casos no Brasil: Em 2018, o Brasil registrou quase 200 mil casos de malária, contudo, houve uma queda em 38% em comparação ao ano de 2017.



Fonte: Freepik - Médico foto criado por jcomp - br.freepik.com

Esquistossomose:⁵

A esquistossomose é uma doença parasitária causada pelo *Schistosoma mansoni*. Inicialmente a doença é assintomática, mas pode evoluir e causar graves problemas de saúde crônicos, podendo haver internação ou levar à morte.

Transmissão: a doença é transmitida por um caramujo infectado, onde um indivíduo que entra em contato com água contaminada, acaba adquirindo a doença e a repassa quando defeca próximo de açudes e rios. Em contato com a água, os ovos eclodem e liberam larvas que infectam os caramujos, hospedeiros intermediários que vivem nas águas doces. A larva que se desenvolve penetra na pele do ser humano, que é seu hospedeiro definitivo, cai na corrente sanguínea e circula pelo pulmão até chegar ao fígado e intestino, onde há o amadurecimento da sua forma adulta.

Sintomas: febre, dor de cabeça, calafrio, suores, fraqueza, falta de apetite, dor muscular, tosse, diarreia.

Tratamento: O tratamento da esquistossomose, para os casos simples, é em dose única e supervisionado feito por meio do medicamento praziquantel, receitado pelo médico e distribuído gratuitamente pelo Ministério da Saúde.

Prevenção: A prevenção da esquistossomose consiste em evitar o contato com águas onde existam os caramujos hospedeiros intermediários infectados e evitar defecar em áreas onde a água é usada para consumo ou para irrigar plantações etc.

Casos no Brasil: Segundo o Ministério da Saúde, o Brasil possui 1,5 milhões de pessoas em situação de risco para contrair esquistossomose. Isso se dá, principalmente, pela falta de saneamento básico que está ausente para mais da metade da população brasileira.

Leishmaniose:⁶

A Leishmaniose Visceral (LV) é uma doença causada por um protozoário da espécie ***Leishmania chagasi***.

Transmissão: A transmissão acontece quando insetos fêmeos infectados picam cães ou outros animais infectados, e depois picam o homem, transmitindo o protozoário, causador da Leishmaniose Visceral. No Brasil, duas espécies de insetos, até o momento, estão relacionadas com a transmissão da doença, *Lutzomyia longipalpis* e *Lutzomyia cruzi*. A primeira é considerada a principal espécie transmissora da L. (L.) chagasi mas a L. cruzi também foi incriminada como vetora no estado do Mato Grosso do Sul. São insetos denominados flebotomíneos, conhecidos popularmente como mosquito palha, tatuquiras, birigui, entre outros.

Sintomas: febre de longa duração, aumento do fígado e baço, perda de peso, fraqueza, redução da força muscular, anemia.

Tratamento: o Ministério da Saúde fornece os medicamentos necessário de forma gratuita para prevenção da Leishmaniose, contudo, os medicamentos não eliminam por completo o parasita no homem e no cão.

Prevenção: A prevenção da Leishmaniose Visceral ocorre por meio do combate ao inseto transmissor.

Casos no Brasil: O Brasil se apresenta como um dos países com maior número de casos no mundo, uma vez que, segundo o Ministério da Saúde, dos últimos casos ocorridos na América, 90% deles foram no Brasil.

Tuberculose:⁷

A tuberculose é uma doença infecciosa e transmissível, causada pelo *Mycobacterium tuberculosis* ou bacilo de Koch, que afeta prioritariamente os pulmões, embora possa acometer outros órgãos e/ou sistemas. A forma extrapulmonar, que acomete outros órgãos que não o pulmão, ocorre mais frequentemente em pessoas que vivem com HIV, especialmente aquelas com comprometimento imunológico.

Segundo a FIOCRUZ trata-se da principal causa de óbito entre soropositivos e, assim como a Aids, atinge especialmente países em desenvolvimento, onde cresce o número de pacientes com as duas doenças. A intolerância apresentada por alguns indivíduos coinfectados, somada à interação dos medicamentos para tratamento das duas enfermidades, agravam essa realidade.⁸

Transmissão: A transmissão da doença se dá por via aérea e se instala a partir da inalação de aerossóis oriundos das vias aéreas, durante a fala, espirro ou tosse das pessoas com tuberculose ativa (pulmonar ou laríngea), que lançam no ar partículas em forma de aerossóis contendo bacilos. Calcula-se que, durante um ano, em uma comunidade, um indivíduo que tenha baciloscopia positiva pode infectar, em média, de 10 a 15 pessoas.

Sintomas: Tosse seca, febre vespertina, sudorese noturna, emagrecimento, cansaço e fadiga.

Tratamento: O tratamento da tuberculose dura no mínimo seis meses, é gratuito e está disponível no Sistema Único de Saúde (SUS), devendo ser realizado, preferencialmente, em regime de Tratamento Diretamente Observado (TDO). São utilizados quatro fármacos para o tratamento dos casos de tuberculose que utilizam o esquema básico: rifampicina, isoniazida, pirazinamida e etambutol.

Prevenção: Vacinação com BCG. A vacina BCG (bacilo Calmette-Guérin), ofertada no Sistema Único de Saúde (SUS), protege a criança das formas mais graves da doença, como a tuberculose miliar e a tuberculose meníngea. A vacina está disponível nas salas de vacinação das unidades básicas de saúde e maternidades.

Casos no Brasil: Segundo dados do Ministério da Saúde, no Brasil, em 2019, foram diagnosticados 73.864 casos novos de TB, levando a incidência de 35 casos a cada 100 mil habitantes.⁹



Fonte: Pixabay

Conclusão:

Tendo em vista a gravidade dessas doenças e o seu impacto em populações vulneráveis, é necessário que ações sejam tomadas para a redução do número de afetados e um melhor suporte aos acometidos por essas doenças.

Estratégias de controle para as DNs:

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é necessária que haja um maior reconhecimento da significância dessas doenças para a saúde pública, além de um melhor conhecimento epidemiológico delas, para que se alcance o controle dessas doenças. A OMS traz também a recomendação de 5 estratégias de saúde pública para a prevenção e o controle dessas doenças, que são: quimioterapia preventiva, controle de vetores, saúde veterinária pública, gerenciamento intensificado da gestão de casos, água potável, higiene e medidas sanitárias. É sugerido que para maior efetividade do controle todas as 5 medidas devem ser usadas de forma combinada.¹⁰

No Brasil:¹¹

No Brasil foram escolhidas, dentre as doenças negligenciadas, sete prioridades de atuação, por meio de dados epidemiológicos, demográficos e impacto da doença. São elas: dengue, doença de Chagas, leishmaniose, hanseníase, malária, esquistossomose e tuberculose. E algumas estratégias de trabalho foram definidas.

TRABALHO EM REDE

O Ministério da Saúde, em 2009, investiu na organização de redes de pesquisa eficazes para a indução ao desenvolvimento de uma dada área de pesquisa, bem como para o fortalecimento da capacidade instalada nas instituições de pesquisa integrantes. Fazendo parcerias para constituição de redes para algumas dessas doenças como a Malária, a Dengue e a Tuberculose.

A expectativa é o estímulo do intercâmbio e a cooperação, de modo que suas distintas competências se articulem e se complementem. Assim, novos conhecimentos sobre os diferentes aspectos biológicos, clínicos, sociais entre outros, serão mais rapidamente produzidos, contribuindo para o combate a essas doenças.

INSTITUTOS NACIONAIS DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Também no intuito de agregar grupos de pesquisa e apoiar atividades de pesquisa científica, tecnológica e de inovação, em 2008, foram selecionados projetos para formação e consolidação de institutos nacionais de ciência e tecnologia (INCT).

Impacto sofrido durante a pandemia:

Outro agravante para as doenças negligenciadas é a atual pandemia de COVID-19. Segundo informe da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), o cenário na saúde atual traz prejuízos ao diagnóstico e quanto ao acompanhamento dos doentes já em tratamento dessas doenças, pois a população diminuiu a procura aos postos de saúde em medo de contrair a COVID-19. Além da sobrecarga no sistema de saúde, levando a possíveis remanejamentos de recursos e equipes voltadas as doenças negligenciadas para o combate ao coronavírus. Em alguns casos, como a malária, que é tratada com cloroquina e hidroxicloroquina, existe ainda a dificuldade de tratamento para os doentes devido a restrições na cadeia de abastecimento dos medicamentos resultantes da pandemia. A OPAS então recomenda que o combate continue em foco, especialmente nas comunidades vulneráveis e áreas endêmicas para essas DNs, investindo ainda em medidas preventivas que previnam a sobrecarga do sistema de saúde.¹²

Referências

1. <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/dengue>
2. <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/hanseniose>
3. <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/doenca-de-chagas>
4. <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/malaria>
5. <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/esquistossomose>
6. <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/leishmaniose>
7. <http://saude.gov.br/saude-de-a-z/tuberculose>
8. <https://agencia.fiocruz.br/tuberculose-pesquisas-e-melhorias-no-tratamento-intensificam-o-combate-a-doenca>
9. Boletim epidemiológico Tuberculose – 2020 – Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/marco/24/Boletim-tuberculose-2020-marcas--1-.pdf>
10. https://www.who.int/neglected_diseases/resources/9789241564090/en/
11. DE PRIORIDADES, DEFINIÇÃO. Doenças negligenciadas: estratégias do Ministério da Saúde. Rev Saúde Pública, v. 44, n. 1, p. 200-2, 2010.
12. https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6215:opas-pede-que-paises-continuem-combatendo-malaria-durante-pandemia-especialmente-entre-comunidades-vulneraveis&Itemid=812

Equipe

Clara Beatriz Abreu Lira e Lucas Alves Barbosa – Estagiários CIM/UFC

Farm. Msc. Ana Cláudia de Brito Passos

Profa. Dra. Mirian Parente Monteiro